



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 17 de Novembro de 1979 * Ano XXXVI — N.º 931 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

OS DIREITOS DA CRIANÇA

AQUI, LISBOA!

«A Pessoa Idosa tem direito à existência social»
(Declaração dos Direitos das Pessoas Idosas).

É ainda sobre o número 9 da Declaração que hoje nos debruçamos.

Há três meses, quente por mais um episódio de uma certa forma de negligência e exploração de que tantas vezes somos vítimas, nós e Rapazes nossos, foi à luz do caso que discorremos sobre a doutrina deste parágrafo. Mas urge insistir, porquanto não é aos familiares que a culpa é mais imputável. Estes, frequentemente, agem por sentimentos em que não entra a consciência da responsabilidade do seu acto e da projecção deste sobre o futuro da criança. Têm por atenuante a sua incultura. Não estão habituados a determinar-se pela razão. As suas motivações dita-as o instante e a sensibilidade momentânea. Esta é a fonte genérica do julgar e do agir de um povo in-

culto, de quem se não pode esperar outra coisa, a quem se não pode pedir mais enquanto mais se lhe não der.

O que o parágrafo 9 diz é que «a Criança deve ser protegida contra toda e qualquer forma de negligência, crueldade e exploração». Deve ser protegida por quem? A quem cabe promover a armadura que a protegerá? Esperaremos, angélicamente, que acabem os negligentes, os cruéis, os exploradores? Ou é a sociedade sã e válida que deve adiantar-se e prevenir os efeitos decorrentes da existência daqueles? Não será ela a primeira e principal negligente?

A crueldade e a exploração — repetimos — expressa embora por números absolutamente grandes, é, relativamente, causa menor da violação dos Direitos da Criança e sempre causa

segunda. A crueldade geralmente se associa a ideia de maldade. E embora os conceitos, objectivamente, quase se identifiquem, a verdade é que a maioria das vezes a crueldade denuncia casos patológicos a que falta o controle e o remédio de uma assistência psiquiátrica eficaz. Se no campo da saúde em geral, a cobertura é ainda tão frágil, no que respeita ao foro psíquico ela é quase inexistente. É ver a quantidade de amentes e dementes que andam por aí, à solta, sem qualquer tratamento que, ao menos, atenuem o seu mal. Ainda ontem à noite, tivemos de acompanhar à sua morada um que aí passou a tarde e não queria regressar porque «em casa lhe batem». E aquela viúva de que se falou recentemente, esmagada pelo cuidado de dois filhos, ocasião constante de distúrbios que provocam reclamações da vizinhança, como se eles fossem culpados ou a mãe, ocupada também necessariamente com o granjeio do pão dela e deles!

Cont. na 4.ª página

Famílias fortes e compenetradas, onde os valores morais vigorem a cada momento, são uma exigência do bem estar social. Tudo o que se faça nesse sentido nunca será demais. Ao Estado compete ajudá-las nos vários campos da sua actividade, criando as estruturas indispensáveis para que funcionem em pleno. As respostas às carências ou necessidades das crianças ou dos adultos, nomeadamente das pessoas idosas, serão tanto mais eficazes quanto mais sólidas forem as famílias e vigorem, entre os seus membros, laços íntimos de interdependência e de solidariedade, nos bons e maus momentos da vida.

As pessoas idosas devem, pois, encontrar na família o seu ambiente natural, em ordem à manutenção de relações com os outros, dados os valores de sangue existentes e tendo em vista o perigo que correm, quando internados em qualquer lar, de profundo e deletério isolamento, sempre factor de desequilíbrios psíquicos e de frustrações dos mais variados tipos.

A criação de centros de con-

vívio de pessoas idosas é um outro factor de relevante importância no sentido de assegurar o direito à sua existência social. Aí se poderão estabelecer elos de simpatia e continuar ou construir amizades, susceptíveis de suavizar a velhice e de ocupar o tempo disponível. O êxito destes centros de convívio dependerá, naturalmente, das possibilidades que os seus utentes tiverem de intervir na sua génese e no seu próprio funcionamento, como partes interessadas que são.

É urgente acabar com a mentalidade de que as pessoas idosas ou doentes, reformadas ou não, devem ser arrumadas na prateleira. Salvo casos extremos, devem-se-lhes entregar trabalhos adequados e proporcionar-lhes ocasiões de serem úteis nas suas actividades. Preenchido o tempo e ocupado o espírito, as pessoas idosas parecem rejuvenescer e acabam por se sentir realizadas, com proveito; e, não raro, com profunda vantagem para os seus semelhantes, a começar pelos seus próprios familiares.

Cont. na 4.ª página

Calvário

Na encosta da nossa mata as picas dos pedreiros, lenta mas persistentemente, perfuram a mina. Debaixo da terra esta vai sendo túnel longo, que o gasómetro alumia, dias e dias. Semanas! A esperança de água é o alimento dos gastos e trabalhos. E o dia chega em que a lança de ferro, batida contra a rocha, no interior da terra, faz jorrar o jacto de água pura, que hoje vai dar a lago artificial, ornado em um dos muitos recantos do Calvário. Naquela, hoje os peixes vermelhos nadam felizes. As pombas brancas dessedentam-se pela manhã. Os chorões banham felizes seus ramos pendentes. A lua reflecte-se nas noites limpas. E pelas tardes de estio os doentes saboreiam as margens frescas. O fio de água, antes de tombar no lago, faz-se ainda conduzir para o fontenário, que regala a sede e o apetite dos doentes e visitantes. A toda a hora aqueles para ali correm e fazendo concha com a mão matam a sede. E com cântaros levam a água cristalina aos que se encontram nos leitos e na sala de jantar.

Esteve guardado, durante séculos, no seio da terra, à espera destes moradores, o veio de água. Hoje desliza em muitas direcções. Na natureza humana quanta riqueza não está também escondida. Fazê-la brotar nem sempre é fácil. Mas ela está cá.

Estes doentes, quando chegam, trazem-na guardada, inexplorada, dentro de si. Um pequeno toque paciente e perseverante fá-la saltar. E quantos não beneficiam dela. Riqueza variada, que um pequeno dado de confiança neles próprios, aflora e se expande, para consolo deles mesmos e proveito dos outros. É a capaci-

Continua na QUARTA página



A ensilagem da erva para o gado é sempre uma festa de trabalho em nossa Aldeia de Paço de Sousa.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

MAGUSTO — Realizou-se em nossa Casa, como em muitas casas de leitores nossos, o magusto que costuma ser feito no dia de Todos os Santos, 1 de Novembro.

Antes da hora do magusto e para ganharmos apetite para as respectivas castanhas, o nosso Conjunto actuou e todos nos divertimos bastante. Depressa chegou o apetite. Por volta das 4h cada núcleo desenrascou-se a apanhar lenha para a respectiva fogueira de assar as castanhas.

Um factor muito positivo: todas as castanhas que utilizámos no magusto foram fruto do cuidado dos chefes da lenha que souberam apanhar as que caíam e guardá-las para o dia próprio.

Houve muita alegria e ordem, pois. Numa família como a nossa, a ordem é uma coisa primordial para que tudo possa decorrer em confraternização.

Uns foram encarregados de distribuir o vinho; outros as castanhas; ainda outros de as assar. E muitas bocas cheias de apetite para as comer.

Logo de seguida, e como a boa disposição continuava, o Conjunto tocou e, assim, encerrou o dia magusteiro.

O cansaço foi a melhor recompensa!...

FUTEBOL — No dia 1 de Novembro a nossa equipa defrontou a dos «velhinhos», em jogo amigável e para ocuparmos a manhã de uma maneira sadia.

Pois é, os ditos «velhinhos», na primeira parte, estiveram a dar-nos 4-1; mas na segunda parte é que foram elas: apanharam 4-8 e tiveram sorte de não serem mais, pois não faltaram oportunidades.

Um jogo em que o bom-humor esteve em evidência, pois a finalidade do jogo foi ocupar uma manhã que poderia ser desperdiçada e, assim, aproveitámo-la duma maneira verdadeiramente desportiva!

ACTIVIDADES MUSICAIS — O nosso Conjunto tem feito várias actuações, a maior parte delas gratuitas, para ajudar este ou aquele Salão Paroquial em suas obras.

Adquirimos a nova aparelhagem de vozes, pois a velhinha já tinha dado muito e ainda há-de dar quando for preciso, pois as coisas velhas não são de desprezar mas de guardar e estimar por se tratar de peças raras e de valor para as pessoas que lidam com elas.

Agora vamos parar um pouco com as nossas actuações para darmos um arranjo ao nosso repertório, um pouco pobre; e só depois então recomeçaremos as nossas saídas.

Entretanto, o nosso silêncio vai ser notório mas apareceremos com tudo renovado e mais vasto repertório para agradarmos ao público que nos aplaude calorosamente.

GARAS NOVAS — Continuam a chegar caras novas, de vários pontos do País. Chegam sempre muito tímidos e sem grande vontade de fazer amigos; mas, depois, acham que a vida aqui, sem amigos, é muito monótona e os amigos são sempre bons para os momentos difíceis.

Mais um pequenino, Edgar é o seu nome, cá vai andando sempre muito esperto e cheio de vida junto do Luizito de 3 anos.

Continuam a chegar! E se houvesse mais vagas, mais viriam para a nossa já grande Família.

EMIGRANTES — Durante o último Verão, e agora no Outono, recebemos a visita de Emigrantes, espalhados por todo o mundo. Acolhemos sempre com prazer estes Amigos. E, já agora, na mesa da nossa Redacção, temos um aviso da Rádio Renascença — onde contamos, também, bons Amigos — comunicando que, desde 1 de Novembro, «antecipando a entrada em funcionamento dos novos emissores, a Emissora Católica portuguesa passará a transmitir, diariamente e durante um certo período experimental, através da Rádio Mediterrâneo, em onda curta, na banda dos 31 metros, frequência de 9670 KHZ, um programa de meia hora, em português, destinado aos nossos Emigrantes fixados nos países da Europa Central (das 16 às

16,30 horas — hora local em França e na Alemanha)». Boa recepção.

FRUTA — Continua a haver fruta para todas as refeições! Ela é a nossa, que por si já não é pouca, e outra que nos dão em quantidades suficientes para comermos durante uma semana. Um Amigo, do Mercado da Fruta, do Porto, todas as semanas nos dá alguma e que faz sempre jeito enquanto a nossa não está madura. Obrigado.

É fruta ao almoço, à merenda e ao jantar!

EXPEDIÇÃO — A expedição do nosso jornal está, agora, a cargo do Manuel Henriques («Hélio») que, por motivos de saúde, regressou do Brasil.

É ele quem endereça todos os exemplares que vos chegam às mãos; e é ver a alegria e a boa disposição com que leva esse serviço avante!

Para despachar o jornal temos os sacos dos CTT que a nossa carrinha entrega nos respectivos Serviços.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Ainda é um jovem, mas tolheu as pernas para sempre num acidente de viação.

Desde o desastre, recebeu o magro subsídio da Caixa até ao prazo limite. Então, requere pensão de reforma, que segue os trâmites e demora habituais. Isto é, agora, não tem mais donde venha seja o que for; com a agravante de o problema do sinistro estar pendente de um Tribunal sem Juiz, e, por isso, acção adiada *sine die*. Não há Magistrados em Portugal?!

O nosso homem, paulatinamente, com um sorriso nos lábios!, descreve a sua cruz dolorosa — as voltas por que tem passado. Chega a expor, por suas mãos — disse — o impasse jurídico ao Supremo, obtendo como resposta a confirmação da ausência de Magistrado na respectiva comarca.

— Que hei-de fazer agora?! Estou sem dinheiro da Caixa...

— A única hipótese — esclarecemos — logo que saiba da tomada de posse do Juiz, é apresentar-se pessoalmente e expor a situação em que vive, a injustiça social que os adiamentos da acção provoca; e pode ser que, pelas atribuições da Lei, o Magistrado possa dar prioridade à acção. Em nosso entender — não somos juristas — é mais urgente dar pão a uma família que sofre, do que resolver disputas mesquinhas...

Enquanto o vento vai e vem, temos de continuar a dar a mão a esta gente. Somos uns «tapa-furos»!

PARTILHA — Graças a Deus, não faltam mãos abertas para aliviar — ou resolver — os problemas dos Pobres! Da rua Aníbal Cunha, Porto, 500\$00 «para minorar qualquer carência mais urgente». De «velha Amiga» outra «pequena migalhinha para o que entenderdes»: 250\$00. «Por alma de Jovita», 100\$00. No Lar do Gaiato, do Porto, dez vezes mais num discreto sobrescrito. Mais 200\$00 da rua Francisco Sanches — Lisboa. Ainda de Lisboa, o dobro da assinante 1265, pedindo «desculpa de ser pouco, mas neste momento estou tentando, com as minhas economias, fazer uma casita na aldeia para a minha empregada doméstica (e afilhada de Crisma) e sua mãe, pois no dia em que Deus me levar, ela terá de se reformar e precisam de um tecto».

«Eu-e-ela» marçam presença com 3.000\$00. O Eu fez a entrega pessoalmente. E partilhámos um pouco do nosso serviço pelos Outros.

«Sufragando a alma dos meus mortos e em substituição das flores que seriam colocadas nas suas campas» — afirmam de Braga, terra dos Arcebispos — «junto 500\$00 para os Pobres».

Finalmente, o assinante 14590, de Lisboa, motivado por duas «locais» desta coluna, manda 300\$00 «para um saco de cimento» e «para pagar no padeiro o pão de um dia».

Mais 3.000\$00 do vencimento da «Assinante do Seixal», ora em Paço de Arcos. E 1.000\$00 de Odiáxere, de «pessoa que deseja conservar o anonimato». Esta é a *procissão* dos Anónimos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Setúbal

ENCONTRO — De férias no Porto, ali, na Praça da Liberdade, eu esperava o autocarro.

Era manhazinha! Sinto um bater nas costas. «Sou o «Vila Real» mais a minha noiva.» Não contava com este «Vila Real». Em Setúbal também temos um que já fugiu e voltou e disse mal de nós. No regresso já está preso de novo à vida da nossa Casa.

«Estou noivo. Esta é que, daqui a algum tempo, vai ser a minha mulher.» A satisfação vem deles. São gaiatos. Sentem-se contentes em mostrarem-se, quando a sua vida é lema.

Eles são as principais testemunhas da vida antes e depois da estadia nas Casas do Gaiato. E se os filhos dizem agora, o que dirão os netos?!

REMODELAÇÃO — Têm chegado muitos que precisam de ser conquistados. Uns daqui, outros dali, todos vêm marcados pelos nossos pecados. Redimi-los é o nosso intuito. Para isso a remodelação da nossa Casa prossegue. Não tão depressa como precisamos. Senhor Padre Acílio andou na pedincha por aqui e por ali. Mais divisões: menos casernas e mais quartos. Menos frio e mais calor. Em tudo isto o nosso arquitecto soube vir ao nosso encontro. E depois de mais um retalho de placa, os tijolos começaram a subir. Há buracos para portas e janelas que o Raimundo mai-lo Fernando já começaram a construir em nossa carpintaria.

Eu recordo aqui o que Pai Américo nos ensinou: «Não se pode pregar a estômagos vazios». Ora, como se pode tirar a ideia da barraca, se não possuímos com que a fazer esquecer?! Depois da casa-mãe, esta será a casa um. E mais por aí fora até dar aconchego aos que dele carecem. Tanto material que vamos gastar!...

FAMÍLIA — Eu esperava transporte no nosso Lar. Ali habitam os que estudam mai-los que trabalham em nossas oficinas.

Era noite. Eles recreavam-se no salão. A dada altura o chefe chama para a oração. Entraram para a capela. Era a hora do Terço. Eu aproveitei e entrei também naquele recanto do salão. Não estava ninguém a quem se chamasse superior. Eram os habitantes mais dois mais pequeninos que estavam ali de passagem. Estes ainda não sabem o respeito pelo Lugar mais pelas coisas que o embelezam. Só queria que vissem como os mais velhos aconchegavam e repreendiam estes dois pequeninos! Só por isto valeu a pena trazer estes dois amores. Nas Casas do Gaiato os mais velhos são precisos aos mais pequenos e estes aos mais velhos. A Família é norma.

FUGA — Amândio e Eduardo fugiram. É coisa que eles têm repetido. Eu já falei aqui do Amândio. É o escondido que tem um sentimento nos olhos, de muito que quer ser e aprender. Eduardo, outro calado que é difícil apercebermo-nos do seu intimo, desencaminha outros. A fuga é a aventura e a recordação do que eram dantes e agora não podem ser. O refeitório e a cama lavada ainda não lhes deram gosto para a Escola e para a obrigação que os chama.

BILHAR — Aqui vai um pedido que fará a satisfação dos nossos do Lar, amantes do jogo do bilhar.

Temos no salão um bilhar já com muitos anos. O último pano que lhe puz veio-nos duma casa da especialidade e era usado. Já está muito deteriorado. Se alguém souber de um que nos possa servir, será um consolo para os nossos mais velhos do Lar.

Ernesto Pinto



Entrega dos prémios do Festival das Vindimas. Morgado subiu ao «podium», de mãos no ar.

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

Descobrimientos

Hoje gostaria muito de mudar o título destes apontamentos. Receio, porém, que o Júlio Mendes, ou alguém responsável pel' O GAIATO, não aprove. O meu plano era chamar-lhe «descobrimientos». Não iria falar da época Manuelina em que os portugueses deram novos-mundos ao mundo e, tendo partido em várias direcções, conseguiram plantar em todos os continentes a Cruz e a Bandeira das Quinas. São outros os portos de safra e os lugares conquistados. Nasceram no coração das almas generosas e vão parar nos Irmãos que precisam de amor, de educação, de ensino, de higiene, dum lugar ao sol, de boas maneiras, de saber conviver, de dar as mãos, de ter bairrismo, de olhar para o Outro e considerá-lo Irmão, de saber observar e saber o que fica bem e o que fica mal, de saber repartir e de saber convencer que o vizinho do lado conta com ajuda.

Nestas condições vem, das bandas de Leiria, uma senhora hoje e amanhã e no dia seguinte com donativos. E dentro do coração «descobre» que hoje é para os tijolos e amanhã se destina às madeiras e aos pregos. Depois volta a escrever e manda pano para os bibes das crianças do «Jardim» de Samodães. Em seguida fala-me dos botões para os mesmos e na volta do correio manda dinheiro para o feitiço. Sempre a descobrir motivos que a trazem até junto dos mais pequeninos. O mesmo acontece na Rua

Castelo de Guimarães. Imagina que ainda é cedo para as obras estarem concluídas e oferece 5.000\$00, «descobrimos» que os bibes não duram sempre e promete mandar outros na ocasião própria.

De S. Romão de Coronado «descobrem» que o meio de Samodães é pequeno e que as ajudas não podem ser grandes e enviam um cheque de 10.000\$00 com palavras de esperança que nos forcem a maior movimento. Por vezes tentamos descobrir, para aqueles lados, uma fábrica que nos envie parte do mobiliário, por um preço especial.

Os «descobrimientos» continuam de alguém que é Salgado, mas sómente de nome, porque tem doçura e carinho para o «Jardim». E é Barcelos agora, que descobriu o motivo das Missões para voltar a mandar pela 5.ª ou 6.ª vez, sendo duas no mesmo dia. Quando a riqueza está no coração, descobrem-se pretextos e encontra-se sempre motivo para oferecer.

Não pretendi falar em todos os que têm sido os contrutores do Jardim Infantil de Samodães. Teria de voltar a Barcelos e a Famalicão e dar um salto a Lisboa, demorando lá uns dias por causa da Rua Capelo e das Amoreiras e da Mãe Helena e doutras e doutras em que o trânsito não é fácil. Depois seguiria para o Porto, passando por terras intermédias, onde encontraria alerta o Dr. Humberto, a Casa Forte e o Armazém Castelã. Todos es-

tes e muitos mais sabem «descobrir» o custo duma obra feita numa zona em que os de mais perto não dizem nada. Uns não podem e outros fingem que não sabem, ou estão absorvidos só, só, pelos seus interesses.

No dia 9 de Outubro, duas Educadoras Rurais começaram a lidar com as crianças. Ainda não temos concluídas as obras; estão mesmo longe do fim. Há, todavia, quatro salas à disposição, onde as crianças se juntam. Eu digo que é milagre se conseguirmos o que se pretende: fazer uma festa recreativa no dia 8 de Dezembro. O pensamento dominante é naquele dia cada criança oferecer uma lembrança à sua Mãe.

Elas, porém, ignoram que há outras Mães que lhes fazem bem. Para essas e para os que fazem as suas vezes, vai uma lembrança colectiva de todos nós: gratidão.

Padre Duarte

Malanje
Carianga

10-Julho-79

Ficou pronto o fontenário com bica de água, tanque e alminhas numa pedra rósea. A água a correr dá paz e alegria e faz nascer a esperança.

20-Julho-79

Os nossos vizinhos de duas senzalas vieram hoje capinar a nossa lavra de mandioca. Sem salário — uma ajuda. O nosso tractor preparou para as duas aldeias duas lavras de seis hectares. Sem preço — um jeito. Ajuda mútua é palavra do Senhor.

2-Agosto-79

O Senhor ficou hoje a morar no sacário (bloco de pedra), que veio da Capela da nossa antiga Aldeia do Gaiato. Também a Mãe d'Ele, imagem de castanho. O Altar é de pedra. A carpete é de luandos feitos pelo velho Pedro. Tanta gran-

deza... num quartinho da nossa habitação!

5-Agosto-79

Fomos, Padre José e eu, assistir as comunidades de cristãos. Todos os domingos do mês nos repartimos por 20 catequeses. O Primo, Ambriz, Zé e João ficaram em casa para receberem com carinho os nossos ex-gaiatos, que todos os domingos nos visitam. Uma força irmanou e ampara. Não foram vãos o nosso sentir cristão e a nossa vida de família.

10-Agosto-79

Padre José Maria fez a planta e ajudou a fazer os alicerces da Escola da senzala de Camassesse, que fica a 400m da nossa Casa. Camarada Director Escolar nomeou já professores. As crianças estão felizes.

Padre Telmo

Novos Assinantes de «O Gaiato»

Vai uma Jovem como portavoz da procissão. Toda a carta transpira religiosa devoção pelo Famoso e pela Obra da Rua. E, implicitamente, revela o gravíssimo problema do primeiro emprego.

Neste mundo sujeito a crises que se desencadeiam, pela febre do lucro ou por interesses inconfessáveis, os Jovens são os que mais sofrem. Não percebemos nada de Economia, mas estas desumanas crises cíclicas — e porque se trata de fenómenos generalizados — dão a impressão de que o mundo esgota (temporariamente) as suas potencialidades, as suas extraordinárias fontes de riqueza!

Diz a nossa correspondente de Espinho:

«Já fez três anos que estando eu num café, no Porto onde estudava, ficámos, as minhas colegas e eu, com o vosso jornal. De lá, até aqui, adquiri-o e trago-o da Missa, onde vou aos Domingos, para nós e para uma senhora vizinha. Lemos e damos-lo a outras pessoas, pois não o conseguimos deitar fora nem rasgar para embrulhos.

Tinha dito a mim própria que quando me empregasse seria sua assinante e Deus ouviu-me. Após dois anos sem conseguir emprego, felizmente agora

já consegui, venho desta forma pedir que me enviem, pois será mais certo, embora continue a ajudar, sempre que possa, a vossa Obra.

Quando leio O GAIATO sinto que há nele qualquer coisa de são e de divino. É o único jornal que leio, repleto de vida, de simplicidade e de muita coragem.

Foi com verdadeira alegria, comoção e agrado que vimos cá, no Verão, os vossos rapazes a representar e alegrar no Teatro S. Pedro. Já nos tinham falado dos espectáculos e muito bem, mas ao vivo, vendo-se e ouvindo-se é qualquer coisa de formidável e é muito diferente.

Sei que nada é mas, por agora, envio 200\$00, pois só agora recebi o primeiro ordenado, e se tudo correr assim enviarei mais para o mês seguinte.

Termino muito agradecida por tudo quanto O GAIATO me tem ajudado, dando-me alento para nunca desistir perante as dificuldades que a vida nos oferece.

Peço que, nas vossas orações, se lembrem da alma de meu pai, que faleceu tinha eu 14 meses e nunca cheguei a conhecer, só em fotografia e pelo muito que minha mãe fala dele; e lembrem-se também da minha mãe para que tenha saúde, pois não tenho mais ninguém.»

De Lisboa e Porto temos uma data de assinantes. E mais uma coluna deles de Queluz, Belas, Coimbra, Gondomar, Seixal, S. Pedro de Sintra, Tomar, Carcavelos, Fafe, Penafiel, Setúbal,

Cont. na 4.ª página

A FOME NO MUNDO

Um despacho do Rio de Janeiro revela que «trinta milhões de crianças morrerão à fome antes do ano 2000, se as actuais condições sócio-económicas se mantiverem na América Latina durante as duas próximas décadas».

A afirmação é de Juan Pablo Terra — membro da Unicef e do Fundo das Nações Unidas a favor da Infância — na sessão de abertura da 3.ª Reunião Latino-Americana de Pesquisas das Necessidades Humanas que decorre em Tiradentes, Estado de S. Paulo (Brasil), que acrescentou: «Outros trinta milhões de crianças sofrerão de desnutrição grave, podendo 107 milhões de latino-americanos ser classificados na categoria de Pobres e 52 na de Indigentes».

Números confrangedores, só em relação à América Latina...!

«Este continente — prossegue Pablo Terra — onde a população duplicou durante o último quarto de século ao ritmo mais elevado do Mundo, vê as desigualdades sociais acentuarem-se. Em média quinze por cento dos habitantes passam

fome, mas com variações que podem ir de dois a quarenta e cinco por cento. A taxa de mortalidade infantil diminuiu consideravelmente, contudo o número de óbitos infantis continua onze vezes superior ao da Suécia, por exemplo.»

A concluir, Pablo Terra acentuou que «os problemas enumerados têm características próprias em cada país. Mas os governos devem estabelecer planos contra a miséria, estudar os problemas de certos grupos humanos e das «populações submersas» das zonas periféricas e rurais».

Ora isto é que nem sempre habitualmente se faz porque, parafraseando o Poeta, «outros poderes mais altos se levantam».

Mal vai a pobre Humanidade, enquanto o Homem carecido — e são centenas de milhões em todo o Mundo — não for o primeiro objectivo dos responsáveis das Nações! É a decadência. É a revolta — fruto da injustiça.

Júlio Mendes

Ano Internacional
da Criança

É uma carta da Covilhã. Tão simpática, que melhor seria reproduzi-la em gravura... Aqui, está:

«Queridos amiguinhos

Enviamo-vos esta simples lembrança para que passéis o Natal mais feliz.

As nossas mães deram-nos dinheiro para vós. Nós somos muito felizes por isso, e queremos ajudar-vos.

Muitos beijos e um abraço das vossas amigas: Maria de Fátima, Maria do Rosário, Dina Maria, Ana Isabel, Vera, Maria Ana, Alexandra, Sílvia, Lídia, Sandra, Florbela, Maria João.»

E a Professora — alma desta acção — justifica em post-scriptum:

«No Ano Internacional da Criança, as alunas do 1.º ano da 2.ª fase quiseram também participar com alguma coisa de seu, fruto dos seus pequenos sacrifícios, pois que, embora vivendo também com dificuldades, se quiseram lembrar de quem ainda tinha menos do que elas...»

OS DIREITOS DA CRIANÇA

Cont. da 1.ª página

Quantos passos gastos para o seu internamento... e nada! E agora ainda a ameaça do regresso das duas filhas, desde há anos internadas, que, por incuráveis, se quer deitar à rua!!

Quanto à exploração, ela é filha, frequentemente, da penúria das condições económicas e quase sempre de uma indigência mental duvidosamente culpável.

Recebemos no princípio deste ano dois irmãozitos, dos quais o mais novinho fez há pouco três anos. Um dos ca-

sos sociais mais desgraçados que nos apareceu ultimamente. Pois tem sido uma luta para defender o pequenito das tentativas da mãe para o levar. Esta tem outro, entregue a uma família sem filhos que lhe dá dinheiro a esse propósito. Quem a assiste, na terra onde ela vive, suspeita que o interesse por este mais novinho que connosco está, tem relação com um provável «negócio» semelhante. Ora eu não me atrevo a condenar esta mulher. O que sei e tenho visto dela é debilidade — uma forte atenuante para a sentença do seu comportamento. Vamos a ver

como defenderá o Luizito o Tribunal a quem pusemos a questão.

Se formos a casos extremos de exploração como o que denunciava Paulo VI no seu discurso ao Director Executivo da UNICEF — «Há crianças exploradas até ao ponto de serem usadas para satisfazer as mais baixas depravações dos adultos, (...) obedecendo frequentemente a forças poderosas levadas por interesse financeiro» — perguntamos: De quem a culpa, senão da licenciosidade conhecida, ou cognoscível, e permitida pela desatenção da Autoridade?

Uma Polícia de costumes convenientemente preparada,

uma Assistência Social e Psiquiátrica eficaz, uma legislação expedita — todas estas forças operando coordenadamente, poderiam prevenir e remediar grande número dos casos de crueldade e de exploração, que sempre teremos em qualquer sociedade. O progresso económico, o crescimento cultural do povo restringem também o campo em que a crueldade e a exploração têm condições favoráveis de propagação.

Penso, pois, que a negligência está primeiro e na base das outras formas de violência contra as quais a Criança deve ser protegida.

A omissão é sempre o maior pecado e o mais generalizado. As más acções são mais passíveis de atenuante e de indulgência. S. Mateus o regista no capítulo 25 do seu Evangelho. Ele é sempre a Boa-Nova para os homens. Quando estes se guiam por Ela, na condução da sua vida, agora e para sempre, estão no bom caminho. Quem dera que a baralhada das leis, em que seremos talvez o país primeiro produtor do mundo, desse lugar a poucas mas boas, esclarecidas pelo bom-senso das realidades do tempo e sempre iluminadas pela Lei de Deus.

Padre Carlos

Calvário

Continuação da PRIMEIRA página

dade para se entreejardarem. É a habilidade para os mesteres tão variados de todos os dias e de cada hora. É a força para serem capazes de realizar eficazmente tudo quanto aqui se opera.

A Isabel não sabia sequer pegar numa colher para comer. Hoje carrega a marmita com a sopa e depõe-na feliz em tigelas na frente de cada doente dum pavilhão.

O Valentim nem se lavava no antro onde vivia. Agora, não só se lava muitas vezes, como alinda todos os recantos dos nossos jardins.

A Maria, ainda jovem mas já hemiplégica, morava com a avó, (se é que aquilo pode chamar-se morar) num pardeiro tosco, com os hábitos mais primitivos. Hoje quem entra na casa onde aqui vive e trabalha não encontra um risco no chão. Não conhecia a mãe a seu lado, porque cedo a abandonara, mas ela é uma verdadeira mãe de bebés enfeitados como ela o foi também.

O Leopoldo vinha de muletas. Ora há muito que as não vejo. Vejo-o, sim, de lado para lado a ajudar nas enfermarias, nos jardins, nos canteiros a regar as plantas e arbustos.

Um alto responsável pelo pelouro da saúde nacional visitou-nos já duas vezes este ano. Ora, quando tantos afirmam uma sabedoria avançada, que este tipo de recolha de enfermos tem que acabar, aquele foi peremptório: — Não dêem ouvidos às vozes contrárias. Prossigam que estão no caminho certo!

E prosseguimos, na verdade, quando mais não seja para continuar a descobrir riqueza guardada no lixo das ruas.

Quem dera que a lição aqui dada, fosse aproveitada por uma sociedade, que não só não valoriza os dotes evidentes que possui, mas até os destrói, tornando-se tantas vezes escória! Quantas vidas não vividas que se vivessem em plenitude os dons que lhe foram entregues fariam um mundo diferente!

Padre Baptista

Novos Assinantes de «O Gaiato»

Cont. da 3.ª pág.

Areosa, Monte da Caparica, Belmonte, Braga, Felgueiras, Vilar do Paraíso, Paços de Ferreira, Vila Nova de Gaia, Ovar, Amadora, Mem Martins, S. João do Estonil, Guimarães, S. Mamede de Infesta, Moncorvo,

Fundão, Loures, fihavo, Faro, Póvoa de Varzim, Portimão, Parede, Funchal, Macau, Quebec e Toronto (Canadá), Yonkers (Estados Unidos), Ecovern (França) e Scopfheim (Alemanha Federal).

Júlio Mendes



O ABANDONO

A Ti Ana vive lá em cima
Num barraco.
A porta não tem vasos de flores.
Para quê?
Ela já não vê, tem o coração cego...
Lá dentro não tem luz fluorescente
Nem aquecedores, nem ventoinhas.
Tem uma trempe
De ferro
Ferrugenta
Tão preta, tão preta
Tão queimada pelo fumo
Mais negra que a noite
Mais fria que a dor.
O que mete na panela,
Quando mete,
Não ganha o sabor
Que tem o almoço que tu preparas ao domingo
Para o teu marido e para os teus filhos.
Não ouve ninguém dizer:
— Cheira tão bem!
Não ouve ninguém perguntar:
— Já está pronto?
Porque os farrapos não dizem nem perguntam.
Também ninguém lhe diz que está bonita
Porque a roupa que usa
Não foi feita para ela,
Porque o creme que usa
É a solidão.
Quando passa na rua
Ouve os garotos gritar:
— Lá vem a velha!!!
— Lá vai a velha!!!

Já foi nova
Já cantou nas desfolhadas
E suspirou ao luar...
Agora nada sabe
Nada pergunta
Nada espera.
Apenas tem por companhia
O abandono.

O abandono está sempre presente
No barraco
Aparece à Tia Ana, entre as couves do seu caldo.
Entre os lençóis da sua cama.
O abandono senta-se à mesa com ela.
Aparece-lhe ao nascer e ao pôr do sol.

Quem oferece à Tia Ana este abandono
Sou eu e és tu.
Oferecemo-lo todos os dias...
...e custa-nos caro
Custa-nos a tristeza
Que nos invade por todo o bem que não fazemos.
Oferecemos a tristeza que passeia
Pelas nossas veias.
Que passeia e nos deforma.

Entretanto a Tia Ana
Está sózinha no barraco.

Padre Abel

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

As autoridades, legislando e pondo em prática aquilo que tantas vezes fica nas palavras, devem pôr em funcionamento as medidas de protecção propícias consignadas no artigo 63.º da Constituição, nomeadamente no número 4: «O sistema de segurança social protegerá os cidadãos na doença, velhice, invalidez, viuvez e orfandade, bem como no desemprego e em todas as outras situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho». As pessoas idosas que não se julgam pesadas aos seus familiares, por terem pensões ou reformas decentes, não se sentirão facilmente acabrunhadas e dependentes, como estorvo insuportável.

Em suma, os doentes e as pessoas idosas são pessoas que devem merecer de todos os outros homens a máxima consideração, não só pela sua idade ou estado de saúde, mas pelo que são em si mesmas, sujeitos de direitos, próximos de cada um de nós. Fazemos nossas as palavras de João Paulo II, pronunciadas no «Mall» de Washington: «Quando os doentes, os velhos e os moribundos são abandonados à solidão, protestamos e proclamamos que merecem amor, cuidados e respeito». Só assim o Mundo terá sentido e os homens serão Homens.

● Todo o processo burocrático tendente à construção das duas casas anunciadas nesta rubrica está completo. Com a ajuda de Deus e dos homens vamos passar à prática. Entretanto, para que conste, damos notícia de dois interessados no objectivo em vista e que já se «explicaram», mandando as suas participações amigas. Bem hajam.

Padre Luiz

Tiragem: 37.500 exemplares